

APONTAMENTOS SOBRE A RECEPÇÃO BRASILEIRA DE *TEORIA DA VANGUARDA*

José Pedro Antunes *

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar, ainda que brevemente, a trajetória da tradução brasileira de *Teoria da Vanguarda*, de Peter Bürger, bem como algumas perspectivas acerca de sua recepção no Brasil.

Palavras-chave

Peter Bürger; Recepção; Teoria da vanguarda; Tradução.

Abstract

This work aims, though briefly, at focusing on the path of the Brazilian translation of the Theory of the Avant-garde by Peter Bürger, as well as some perspectives regarding its reception in Brazil.

Keywords

Peter Bürger; Reception; Theory of the avant-garde; Translation.

* Departamento de Letras Modernas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Araraquara. - Araraquara - SP - Brasil. E-mail: zepedro@fclar.unesp.br

Desde o lançamento da tradução brasileira de *Teoria da Vanguarda* (Cosac Naify, 2008), venho me dedicando aos documentos da recepção, ainda incipiente, e tentando oferecer respostas às questões que se levantam. Não me refiro apenas a resenhas nos jornais de grande circulação, mas a trabalhos em publicações acadêmicas. Propostas de entrevistas me foram feitas quando do lançamento, mas julguei inoportuno antecipar-me, no caso, à recepção.

Sobre a insistência com que se diz tratar-se de um livro datado, basta dizer que sim, a primeira edição do livro, na Alemanha, é de 1974. Ou lançar mão da afirmação de Iumna Maria Simon, na orelha do volume, de que o livro é datado no bom sentido da palavra.

Sobre os 20 anos decorridos desde que dei por concluída a minha tradução comentada, cheguei a pensar numa resposta bem ao gosto de certas entrevistas: "O livro saiu no momento certo." Podendo acrescentar que, entre nós, ele marcava os 40 anos do Maio de 68, que costumamos pensar como sendo um momento francês, com reverberações em diversos países do mundo ocidental, sem ter a clareza da importância que o movimento das esquerdas antiautoritárias teve na Alemanha, com o retorno do país, no traumático pós-guerra, ao centro do debate cultural. *Teoria da Vanguarda* é um documento do imediato pós-68. Peter Bürger, que, ainda estudante, nos anos 1950, vivera a redescoberta dos escritos dos frankfurtianos (referência: jornal *Die Zeit*), na década seguinte participaria, como docente, dos debates que levaram à reforma da Universidade.

Historiando os passos dessa minha longa convivência, primeiro com o livro de Bürger, depois com a minha tradução, igualmente eu poderia dizer que ela saiu no momento certo, sendo forçoso reconhecer que esse longo hiato de alguma forma se impunha e havendo que aceitá-lo como benéfico.

Tendo ingressado no Programa de Mestrado em Teoria Literária do IEL/Unicamp, em 1983, constatei que *Teoria da Vanguarda* constava de grande parte das disciplinas nele oferecidas. As traduções americana e espanhola eram indicadas com severas ressalvas. Ocorreu-me, então, a ideia de propor, como projeto de dissertação, a tradução comentada do livro. O projeto foi apresentado em 1985 e a dissertação, como se lê acima, foi por mim defendida em 1989. Bons tempos. Um prazo tão generoso para trabalhos com esse nível de exigência.

Nesses 20 anos, houve três tentativas de publicação do livro. Com a tradução em andamento, já a Brasiliense adquirira os direitos do livro e a minha tradução, mas a publicação não se concretizou. Muito tempo depois, soube, pelos jornais, que a Ática incluía o livro em seu cronograma. Cheguei a conversar com o Sérgio Tellarolli, que era o editor, anunciando que eu tinha a tradução pronta, revisada e devidamente avalizada por uma banca universitária. Mais uma expectativa frustrada.

Em 2001, defendida a minha tese de doutorado – a tradução comentada de *O Surrealismo Francês* de Peter Bürger, de 1971, portanto, imediatamente anterior a *Teoria da Vanguarda* – o Valentim Faccioli, que fazia parte da banca, chegou a manifestar interesse pela publicação de ambos, pensando numa parceria com a Editora da Unesp, mas nada ainda aconteceu.

E aí está o livro, lançado pela Cosac Naify em 2008, que, à procura de um tradutor, chegou ao meu trabalho por indicação do Márcio Seligmann-Silva. Ele que participou de uma das primeiras etapas do processo, quando o Prof. Dr. Herbert Bornebusch, então leitor na USP, e que, informalmente, passara a orientar os meus primeiros passos como tradutor, montou um grupo para ler a

obra em questão. Ao me oferecer a oportunidade de ver o resultado finalmente em circulação, o Márcio Seligmann-Silva vinha também recompor a memória afetiva do trabalho, na qual se incluem, entre tantos outros colaboradores, os nomes de Modesto Carone, Suzy Frankl Sperber, Maria Eugênia Boaventura, Renato Bueno Frankfurt e Iumna Maria Simon. E oxalá não decorram outros vinte anos até a publicação de *O Surrealismo Francês*.

Sobre as modificações que o resultado final, agora publicado, terá sofrido ao longo desses vinte anos, eu diria que me vali do minucioso cotejo com outras traduções, não apenas do livro em questão, mas de outros textos do autor, como tirei proveito do lançamento da edição portuguesa e da recepção que ela teve entre nós, passando a ser incluída em bibliografias dos programas de pós-graduação e a ser citada em dissertações e teses. Vale dizer, ainda, que, em função do lançamento, procedi a novas revisões, e que me foi dada a oportunidade de um produtivo trabalho conjunto com os revisores e preparadores do texto na editora. Registre-se: não é sempre que uma tradução merece esse cuidado, o que significa dizer que houve, por parte da Cosac Naify, uma dedicação extrema no sentido de chegarmos ao melhor resultado.

Mas vamos às dificuldades encontradas, e é essa uma das curiosidades dos entrevistadores, instigados talvez pelos meus comentários incluídos na edição.

Na minha dissertação de mestrado, o comentário mais extenso era sobre a difícil tradução do termo "Literaturwissenschaft". Pois essa, vinte anos depois, foi ainda a decisão mais difícil, a última a ser tomada. Eu poderia mencionar aqui um coro respeitável de pessoas, todas dignas do meu respeito e apreço, a discordar frontalmente dessa decisão. O fato é que não há como traduzir, numa mesma frase ou período, dois termos alemães – "Literaturwissenschaft" e "Literaturtheorie" – pelo mesmo termo em português – "Teoria Literária". E me parece que já vimos apostando por tempo demais nesse ponto cego.

O próprio Bürger sugeria que eu mantivesse a denominação mais corrente entre nós para a disciplina. Como, de resto, ele sempre tratou de minimizar os meus pruridos, optando sempre pelo mais simples, e talvez contemporizador. Acho que se pautava pelo francês, que ele conhece muito bem, supondo talvez também tivéssemos já uma tradição da tradução consolidada e norteadora, para o bem e para o mal, como a têm os franceses.

Também foi grande a minha hesitação em relação aos termos "instituição arte" ou "instituição literatura". Cada vez que voltava à tradução americana ("institution of art"), começava a achar que "instituição da literatura" também fosse cabível. Mas veja que o leitor pode se equivocar com isso, pensando no ato de fazer da literatura uma instituição, o que já nos faria escorregar para a famigerada "institucionalização da arte", o que transforma o que para Bürger não passa de um conceito operativo (Institution Kunst) num juízo de valor, como vêm fazendo alguns comentaristas da obra, como se se tratasse de defender a instituição. E aí eu me pergunto se eles não se terão esquecido de que os artistas das vanguardas históricas, ao desferirem seu violento ataque contra ela, sobretudo os dadaístas, fizeram por revelá-la como tal: uma instituição social.

Dia desses, lendo um ensaio de Luiz Braz, incluído em *Muitas peles* (Alfaguara, 2010), vi que ele faz uso de uma possibilidade que eu cheguei a aventar: "instituição literária" ou "instituição artística". E até que não me incomodou tanto. Mas o tradutor é obrigado a fazer suas escolhas, para depois se ver obrigado a conviver com elas em inteira instabilidade. E eu penso que isso pode ser benéfico, nos manter inquietos, em progresso, como acho que o uso pode acabar nos habituando, com vantagens, a certos termos. De resto, sempre haverá tempo para que os equívocos sejam sanados. Diante de "ciência da

literatura”, por exemplo, eu sempre achei exagerada a reação das pessoas, como se o uso do termo pudesse ser catastrófico para os nossos “estudos literários”.

O tradutor português lança mão, indistintamente, de ambas as soluções, além de, em alguns momentos, apelar para a paráfrase “a arte como instituição”. No geral, ele não teve nenhum rigor terminológico, o que certamente compromete a recepção da obra. Não diria que acerto em tudo, mas tratei de não cometer os equívocos das outras traduções cotejadas. E tratei de me cercar de pessoas que soubessem mais do que eu em relação à terminologia filosófica, por exemplo, estudiosos dos frankfurtianos, dos autores com os quais Bürger dialoga. Tradução deveria ser trabalho de equipe, sempre. Eu sempre gosto de mencionar as pessoas que me ofereceram contribuições ao longo das traduções que realizei. No caso de *Teoria da Vanguarda*, eu precisaria de várias páginas – e de uma memória de elefante, para não cometer nenhuma injustiça – para elencar todos os meus colaboradores, generosíssimos, ao longo desses vinte anos. Que todos eles possam se reconhecer nos meus acertos e saibam relevar os meus tropeços. Festejemos os nossos laços invisíveis.

Em relação à correspondência que mantive com Peter Bürger, eu me lembro que fiquei surpreso e, ao mesmo tempo, até um tanto incomodado com o tratamento que ele me dispensava. Naquele momento em que ousei me dirigir a ele pedindo sugestões e esclarecimentos, eu mesmo ia ganhando uma consciência cada vez mais aguda das minhas lacunas e das minhas impossibilidades. Sabe aquele dito do passo maior que as pernas? Enfim, eu não sabia que era impossível, como na frase famosa do André Gide, fui lá e fiz. Por isso mesmo, ainda bem que o tempo estava do meu lado. Esses 20 anos foram, forçoso é reconhecê-lo, altamente significativos tanto para o tradutor, que agora tem muito menos do que se pejar, como, conseqüentemente, para a recepção do livro.

Outra pergunta frequente tem a ver com a contribuição que o livro ainda poderia oferecer a quem se interessa pelas vanguardas no panorama brasileiro. E eu digo que ela pode trazer maior clareza a alguns aspectos do debate. Com ele, a gente pode aprender a delimitar melhor o campo da pesquisa, saber com mais clareza a distinção entre modernismo e vanguarda, por exemplo, algo que não vejo ainda interiramente resolvido em nossas abordagens. Mas, sobretudo, podemos ver com outros olhos a polarização, longe de ser superada, entre a chamada “sociologia da literatura” e os chamados “formalistas”, que o leitor saberá certamente localizar em nosso cenário, com seus respectivos atores. Peter Bürger propõe uma mirada eminentemente sociológica, sem perder de vista os artefatos artísticos e sem se distanciar de seu aspecto formal. Numa resenha que fiz, recentemente, de uma coletânea cyberpunk chamada *Histórias de um futuro extraordinário* (Tarja, 2010), ante a insistência com que se afirma que a chamada “literatura de gênero” está mais voltada para o conteúdo do que para a forma, eu me perguntava se Saussure nos receberia mesmo de braços abertos nesse futuro extraordinário que o título anuncia.

Com Bürger, acho que podemos aprender a pensar a disciplina literária como passível de transformação, a superar os impasses e indecisões que, suponho, fazem com que sequer tenhamos chegado ainda a batizá-la de uma vez por todas. Teoria Literária? Teorias Literárias? Teoria da Literatura? Estudos Literários? E não custa provocar: Não será por ainda não sabermos ao certo o seu objeto. Ler Peter Bürger me deu a certeza de que estamos muito longe disso que os alemães chamam “Literaturwissenschaft”. Sob qualquer uma das denominações de que dispomos, fazemos uma porção de coisas, mas, se

juntarmos todas elas, ainda estamos longe de uma “ciência da literatura”. Quanto à “instituição arte”, volto a insistir: trata-se de um conceito operativo.

Para ele, tendo fracassado em suas aspirações de unir a arte e a vida, as vanguardas realizaram uma considerável proeza, ao mostrar que a arte é uma instituição social como todas as outras. E que, portanto, salvo imperdoável equívoco ou cinismo, tornou igualmente impossível falar dela com propriedade sem levar em conta esse conhecimento propiciado pelas vanguardas históricas. E adeus às categorias idealistas. Falar da arte é falar do momento histórico que a produz e das condições de produção. Desse ponto de vista, adeus também ao historicismo. Em *O Surrealismo Francês*, ele demonstra que, tardiamente, os acontecimentos de Maio de 68 tornaram possível a compreensão do movimento francês de vanguarda, que os alemães, afora Walter Benjamin em seu ensaio de 1929, persistentemente ignoraram. O fracasso dos movimentos estudantis, para ele, lançam luz sobre um outro grande fracasso, o das vanguardas históricas do início do século XX.

A edição da Cosac Naify traz um texto que Peter Bürger me enviara, em 1988, para ser incluído na edição brasileira de *Teoria da Vanguarda* então em projeto. Originalmente escrito para a edição italiana, que à época estava no prelo, tratava-se de um comentário sobre a permanência de suas reflexões quinze anos depois de, lançadas, terem provocado intenso debate no âmbito alemão. Ele dizia do incômodo de falar do livro como se fosse de um outro. Para ele, o autor não é o proprietário do sentido do seu texto. Eu sempre penso nessa afirmação, cada vez que requerem de mim um confronto mais decidido com o livro que traduzi. Foi o que me fez, por exemplo, evitar responder a entrevistas quando do lançamento, pois gostaria de permitir que a recepção acontecesse à revelia do que eu, como tradutor, pudesse adiantar.

O livro foi lançado num momento em que obras de Duchamp eram trazidas para uma grande exposição em São Paulo. Por isso mesmo, alguns me perguntavam sobre o que as provocações do artista francês teria a nos dizer nos dias de hoje.

Quando a Julia Bussius, então na Cosac Naify, me pediu um palpite em relação à capa do livro, eu não tive nenhuma dúvida, sugeri um dos ready-made de Marcel Duchamp. E não apenas pelo fato de Peter Bürger incluir entre as ilustrações uma foto de uma das reproduções de “Fountain” e tecer comentários a respeito de seu impacto e do desafio que ela veio propor à Instituição Arte. O fato é que não vejo, entre os artistas do período, nenhum outro que tenha feito um percurso tão exemplar, tendo partido da pintura acadêmica para o cubismo, do qual cedo se vê forçado a se desvencilhar, pois queria se distanciar da pintura feita para a retina e chegar a “uma obra que não seja de arte”. Era e não era Dada. Não é por acaso que vários de seus comentadores e intérpretes, a começar por Octávio Paz em *Marcel Duchamp ou O Castelo da Pureza*, partem sempre de uma comparação com Picasso. Pois Duchamp deliberadamente se produziu como o avesso do que fazia Picasso. E é impossível não admitir que sobre tudo o que hoje se produz, para o bem e para o mal, a obra de Duchamp (quase ia dizendo a vida de Duchamp) é fundante.

Quando leio “artista francês”, eu até paro um pouco para repensar as coisas. Talvez devêssemos falar dele, e nisso ele também se antecipou ao mundo que hoje conhecemos, como o primeiro artista a rejeitar sua nacionalidade, assim como recusou qualquer filiação (seus irmãos eram artistas cubistas muito bem sucedidos, não só na França). Eu penso ainda num outro aspecto que é o da relação de Duchamp com a Instituição Arte. Eu diria que foi o artista com maior consciência disso que Bürger traduziu em conceitos: o fato de a arte ser uma

instituição como outra qualquer. Dentro dela, Duchamp fez o que quis, brincou, deixou de pintar, dedicou-se ao xadrez, respondeu à questão sobre se é possível uma obra que não seja de arte. Sem pretender me estender sobre o tema neste espaço, mas apenas lançá-lo como ponto para o debate, julgo que seria possível relacionar Brecht e Duchamp, ambos presentes em *Teoria da Vanguarda*, como dois artistas com absoluta consciência de ser a arte uma instituição social.

A recepção do surrealismo, pelos alemães, tem como marcos o ensaio famoso de Walter Benjamin, *O Surrealismo*, de 1929 – a tradução hoje consensual para o subtítulo diz: *O mais recente instantâneo da inteligência europeia* – e *O Surrealismo Francês*, de Peter Bürger, obra escrita e lançada no imediato pós-68, como já ficou registrado acima, e que serviu como passo preliminar para a elaboração de *Teoria da Vanguarda*, de 1974.

Nos anos 50, por entre as ruínas de um país sem livros, alguns jovens estudantes iriam redescobrir, nas propostas da Teoria Crítica, da Escola de Sociologia de Frankfurt, as palavras com que nomear as situações que enfrentavam no dia-a-dia. Entre eles, Peter Bürger, que, no fracasso da revolução estudantil de 68, num tempo em que ainda se acreditava na possibilidade de mudar o mundo através da reflexão teórica, foi buscar alguns dos pressupostos para uma Ciência Crítica da Literatura. Para Bürger, esse fracasso era a repetição de um outro fracasso histórico, o dos movimentos vanguardistas nas primeiras décadas do século passado. Dadaísmo e surrealismo, por sua radicalidade, ficaram sendo seus objetos preferenciais de investigação.

O Surrealismo Francês (1971), que tem por subtítulo *Estudos sobre os movimentos vanguardistas*, além dos pressupostos do que viria a ser, dois anos depois, a *Teoria da Vanguarda*, traz um esboço histórico do movimento e análises dos romances *Nadja* (Breton), *Le Paysan de Paris* (Aragon) e *Au Château d'Argol* (Gracq), bem como dos poemas de Breton e dos textos de escrita automática.

Na edição comemorativa dos 30 anos de sua publicação, Peter Bürger fez incluir três novos estudos, inéditos, para tratar de um ponto que, entre nós, parece encontrar resistência, qual seja, a afirmação de que a não recepção do surrealismo francês pelas letras alemãs, que ele associa ao passado nacional-socialista da disciplina, estaria a impedir igualmente a recepção dos autores que ele chama de pós-estruturalistas, como Foucault e Lacan, cuja produção textual se aproxima da escrita surrealista. No posfácio à edição brasileira de *Teoria da Vanguarda*, o que fiz foi substituir a minha redação por uma citação do autor, que diz exatamente a mesma coisa, com as mesmas palavras. Trata-se, a meu ver, de um debate que entre nós ainda está por se instaurar. Por tudo isso, o lançamento de *O surrealismo francês* se impõe como absolutamente necessário, inclusive no sentido de iluminar a recepção de *Teoria da Vanguarda*, à qual espero ter trazido alguma contribuição com estes apontamentos.

Referências

ANTUNES, J. P. 1989. 263f. *Tradução Comentada de Teoria da Vanguarda de Peter Bürger*. Dissertação (Mestrado). IEL/Unicamp, Campinas.

_____. 2001. 381f. *Tradução Comentada de O Surrealismo Francês de Peter Bürger*. Tese (Doutorado). IEL/Unicamp, Campinas.

BENJAMIN, W. Der Surrealismus. Die letzte Momentaufnahme der europäischen Intelligenz. In: _____. *Angelus Novus*. Ausgewählte Schriften 2, Frankfurt 1966, 200-215.

BRAS, L. *Muitas Peles*. São Paulo: Terracota, 2011.

BÜRGER, P. *Der französische Surrealismus. Studien zum Problem der avantgardistischen Literatur*. 2a. Auflage. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1996.

_____. *Der französische Surrealismus. Studien zum Problem der avantgardistischen Literatur*. Frankfurt am Main: Athenäum Verlag, 1971.

_____. BÜRGER, P. *Teoria da Vanguarda*. Trad. José Pedro Antunes. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2008.

_____. BÜRGER, P. *Theorie der Avantgarde* (edition suhrkamp, 727). Frankfurt 1974. Segunda edição, 1980.

PAZ, O. *Marcel Duchamp ou O Castelo da Pureza*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Recebido em 27/03/2011. Aprovado em 17/04/2011.